

# **IMAGINATIO LOCORUM. PARA UMA GEOPOÉTICA DE EUGÉNIO DE ANDRADE**

*Vincenzo Russo*  
(*Università degli Studi di Milano*)

---

## **RESUMO**

Para além de fornecer algumas directrizes no âmbito do complexo debate acerca da relação entre geografia e literatura tal como é abordado pela Teoria da Literatura, o conceito de *geopoética* (ainda *in fieri*) pode contribuir não só para verificar – segundo a abordagem tradicional – o dado espacial nas geografias desenhadas pela representação poética, mas também para descobrir aquele *surplus* imaginário que toda a poesia estratifica nos lugares (cidades, vilas, bairros). Se é possível falar duma geopoética da poesia portuguesa do século XX, a obra de Eugénio de Andrade funciona como um grande dispositivo de espaços da Nação como *loca* e como *loci communes* sempre por reescrever.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eugénio de Andrade, geopoética, poesia portuguesa do século XX.

## **ABSTRACT**

In addition to providing some guidance in the complex debate about the relationship between geography and literature as discussed in the Theory of Literature, the concept of *geopoetics* (still *in fieri*) can contribute not only to check - according to the traditional approach - the data spatial in the poetic representation but also to discover that all surplus imaginary poetry stratified in places (cities, towns, neighborhoods). If we can talk about a *geopoetics* of Portuguese poetry of the twentieth century, the work of Eugénio de Andrade can be considered as a device for reinvention and rewriting of certain spaces of Portuguese territory.

**KEYWORDS:** Eugénio de Andrade, geopoetics, Portuguese poetry of the the twentieth century.

*“Topography displays no favorites; North’s are near as West.  
More delicate the historians’ are the map-makers’ colors.”*

*Elizabeth Bishop, The map*

## **ESPAÇO E LITERATURA: BREVES APONTAMENTOS SOBRE UMA QUESTÃO TEÓRICA**

Todo o espaço representado pela literatura é, ao mesmo tempo, um dado geográfico e um *topos* narrativo, isto é, uma estrutura retórica cujas fronteiras são plasmadas pela história. Um *topos* não passa de uma figura com uma função poética específica e uma potencialidade evocativa. Hoje, evidentemente, se o *topos* volta a ser considerado pela crítica literária não só como dimensão suplementar do *cronos*, ao qual – diga-se de passagem – Bachtin parece, apesar de tudo, relegá-lo<sup>1</sup>, isso se deve a todo um debate em curso acerca das relações entre geografia e literatura, a ponto de a crítica literária parecer conhecer uma nova época de partilha de interesses e sensibilidade em relação à história e à teoria geográfica entendidas não apenas, ou não tanto, como um conhecimento do lugar concreto, mas sim como relação estratificada e irreduzível com o território abstracto da mente e da vivência do homem. Depois de muitos anos de esquecimento disciplinar, nos começos do terceiro milénio, a meio de um debate mais alargado sobre a globalização, a geografia parece adquirir um novo estatuto epistemológico, tanto mais significativo se for repensado dentro de uma lógica interdisciplinar. Apesar da época da Internet ter coincidido, na opinião de alguns pensadores, com o fim da geografia (visão esta contrastada por sociólogos como Castells), assiste-se hoje a um renovado interesse não apenas por parte dos geógrafos, mas também dos filósofos, sociólogos, críticos literários e historiadores pelas tradições da geografia cultural, mental e filosófica: é possível, no campo literário, falar – com alguma aproximação – de uma linha anglo-americana e de uma linha francesa ou francófona de estudos sobre as geografias literárias<sup>2</sup>. Neste horizonte teórico, a arte e, em particular, a literatura, com a sua possibilidade de representar de forma sugestiva as geografias pessoais, têm também a capacidade de pôr ordem na nossa caótica maneira de ver e entender a realidade: por isso, tanto o geógrafo como o crítico literário podem apoiar-se nos documentos poéticos para melhor poderem interpretar as nossas relações com o espaço, decifrando as suas conexões e sentidos. Portanto, um novo e rico imaginário topográfico e cartográfico informa os estudos sobre as identidades individuais e coletivas das diferentes comunidades, põe em destaque a concepção de “lugar” nas ciências humanas e sociais, desde a teoria literária até aos estudos culturais, pois que “o lugar desempenha sempre um papel relevante na retórica identitária” (ZERUBAVEL, 2005, p. 74).

A transformação paradigmática do mundo, que passa de *terra* para território, ou de lugar para espaço, inscrita e realizada pela modernidade europeia, deve necessariamente induzir um repensamento das relações entre geografia e cultura ou, se se quiser, a representação visual das coordenadas espaciais da cultura.

## GEOPOÉTICA E POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XX

As palavras conseguem não apenas tornar-se um mapa do visível e do invisível, mas também, tal como pretendia Breton, um mapa do desejo. Desde as suas origens, escrever é uma maneira de organizar o espaço, no texto e pelo texto. A geografia estimula não só a memória, mas também “os sonhos e as fantasias, a poesia e a pintura, a filosofia e a narração, e a música” (SAID, 2000).

Se é verdade que “as fontes literárias podem ser consideradas documentação preciosa para o conhecimento das paisagens históricas e da sua evolução e, além do mais, suportes interpretativos eficazes igualáveis aos mais tradicionais hábitos analíticos da pesquisa geográfica” (DE FANIS, 2001, p. 14), é também evidente que a aproximação clássica (estudo e a descrição do facto geográfico, presente dentro da literatura como uma espécie de verificação da autenticidade dos lugares ou das geografias “desenhadas” pelos vários poetas) não é suficiente para traçar uma geopoética do Portugal do séc. XX, esse país que Eugénio de Andrade define “um corpo exasperado”. Mais do que levar a cabo o exame do facto geográfico dentro da ficção literária que, aliás, era a proposta teórica já avançada por Maria de Lourdes Belchior num ensaio da década de 70

O projecto deveria abranger o sistemático levantamento de quanto respeite ao binómio poesia-geografia (alargado também à prosa?), ao longo dos séculos, desde o nascimento da cultura portuguesa aos nossos dias. [...] Num primeiro momento poder-se-ia proceder à “fichagem” de todas as alusões ou descrições que em textos literários de autores portugueses surgissem e fossem de incluir sob a rubrica “geografia”. Num segundo tempo, e come espécie de contra-prova ou verificação, partir-se-ia da realidade ambiente, das zonas ou regiões geográficas e tentar-se-ia uma como que geografia literária (BELCHIOR, 1971, p. 58)

a nossa abordagem está mais interessada em verificar como e em que termos funciona o *surplus* imaginário, para o qual os poetas contribuem com uma codificação geopoética, através das suas reescritas da territorialização geográfica: *surplus* imaginário que produz um novo e estratificado arquivo daquela *imaginatio locorum* (para tomar de empréstimo o título de um poema do também poeta topográfico Ruy Belo) sempre suspenso entre a realidade do “facto” e a ficção da “metáfora” poética. Verificar a veracidade ou a verosimilhança do facto geográfico na obra literária não

pode senão representar um inicial exercício crítico, ao qual deve necessariamente seguir-se um mapeamento das traduções líricas da complexidade do mundo para uma verdadeira paisagem descrita, ou melhor, escrita pela Poesia. A presença da paisagem no texto poético, entendida como “imagem produzida” (no sentido de “construída”, isto é, não natural) é, apesar de tudo, o resultado de uma tentativa de ler o mundo e de torná-lo legível, de habitá-lo, ainda que liricamente. É desde o Romantismo alemão (que juntamente com os outros romantismos criou “a paisagem”)<sup>3</sup> que sabemos que o homem vive poeticamente... A poesia, talvez melhor do que as outras representações artísticas – tal como tinha já intuído Gerard Genette –, sabe reescrever o território: “il peut sembler paradoxal de parler de l’espace à propos de la littérature”, contudo parece necessário reconsiderar as relações entre espaço e literatura, pois que “une certaine sensibilité à l’espace, ou pour mieux dire, une sorte de fascination du lieu, est un des aspects essentiels de ce que Valéry nommait l’état poétique” (GENETTE, 1966, p. 43). Então, as obras literárias e as obras poéticas em concreto não devem ser lidas apenas como um espelho da objectividade (geográfico-territorial), mas também como arquivo das experiências “subjectivas” do território (constituídas pela mesma matéria de que são feitas as emoções, os estados de alma, os simbolismos...), capazes de transmitir o espírito, o significado dos factos territoriais, isto é, o sentido do lugar. O saber geográfico da poesia funda-se muitas vezes na aceitação do estereótipo e na sua perpetuação, mas está também apto a ressemantizar *ex-novo* um lugar, uma cidade, um território. Neste sentido, a poesia faz-se “topografia”, *topos*, lugar comum, sempre reescrivível e reatualizável pela tradição cultural. A poesia – como já se podia entrever na perspectiva formulada por Vitorino Nemésio num artigo intitulado *Arrábida (poesia e geografia)* – é um testemunho autêntico e indispensável para compreender o comportamento dos homens diante de um determinado ambiente, e o escritor desempenha um papel fundamental, primeiro na formação e, depois, na definição das representações geográficas.

Por mais utópica e inespacial que pareça, toda a poesia é radicalmente topográfica. Sem um certo horizonte e alguns alimentos terrestres não há céu nem pão dos anjos. [...]

Não é determinismo, não é Taine e o «meio» que me induzem a assim falar. O meio não faz ninguém poeta, mas perfaz a poesia no poeta. É o seu chão, a sua circunstância, a sua frente. De lugar e de ingrediente, o meio torna-se substância. A poesia mais etérea acaba por ter um pé na terra dos homens (NEMÉSIO, 1946).

O sentido do lugar de certas localidades portuguesas é de tal forma estratificado por um suplemento de sentido literário, se não mesmo poético, que todo aquele substrato imaginário – constituído pelos pensamentos, pelas vivências e pelas emoções que o poeta fez com que se dilatasse espacialmente, tornando as suas experiências universais – é inerente

à projecção literária e artística. O território é verdadeiramente o efeito da arte, tal como pretendem Deleuze e Guattari, invertendo assim o tradicional determinismo na relação positivista entre ambiente e obra (DELEUZE & GUATTARI, 2003, p. 445). Tudo isto é ainda mais verdadeiro se se pensar que são os próprios escritores a criar ou a recriar regiões, lugares, cidades, percursos, alternativos à realidade geográfica, ou até mesmo completamente inexistentes antes de por eles serem vistos. Mas não se trata apenas de países fantásticos, mero produto da imaginação literária, mas sobretudo de lugares reais que, através da mediação da fantasia e da reescrita poética, assumem, também para os leitores que nunca antes os tinham visto, “um carácter e uma personalidade própria, imprescindivelmente ligada aos escritos do autor” (LANDO, 1993, p. 111). Como já notava Maria de Lourdes Belchior, é possível reescrever a história da poesia portuguesa através da sua dimensão topográfica. Isto é ainda mais notório se se reflectir na possibilidade de atribuir ao séc. XX uma espécie de poeticização do território que induz a repensar o microcosmos espacial (seja ela a região, a vila, a cidade ou até como acontece com Lisboa, Porto e Coimbra, os seus bairros) associado sempre a uma personalidade.

A hipótese de trabalho é de utilizar o conceito de geopoética como dispositivo teórico para perceber a complexa relação entre espaço geográfico e as suas formas de representação literária. Com o termo de geopoética – utilizado pela primeira vez em 1979 pelo poeta franco-escocês Kenneth White sem nenhuma teorização prévia – deve-se entender, no rasto de uma liminar e ainda heterogénea reflexão crítica (AÍNSA, 2006; BRANDT, 1997; SCHELLENBERGER-DIEDERICH, 2006), não apenas a “consciência geográfica” definida como

that intimate and subjective Geography, that territorial knowledge as daily intelligence of the world, which makes the real sense of the prefixoid “geo-” in the lexeme Geopoetics. The Geopoetics of an author is to be understood as his territorial intelligence, poetic and imagining ability for producing and constructing a world, his characteristic determination and presentation of the relation Man –Hearth (ITALIANO, 2008, p. 4)

mas também dispositivo crítico-metodológico capaz de reconhecer e descrever os contrapontos territoriais que toda a representação poética produz e ao mesmo tempo ritualiza. A geopoética restitui ao *topos* enquanto lugar um resto de significado que a poesia sempre implica como efraseção do código linguístico e semântico. A geopoética é portanto a consciência geográfico-territorial que informa a poética de um autor mas também a possibilidade de um discurso disciplinar novo que saiba focalizar, como cada categoria estética, o próprio saber num objecto *en mouvement* tal como é a imaginação espacial da poesia e da sua representabilidade textual.

## UMA GEOPOÉTICA ANDRADIANA

A historiografia crítica tem unanimemente reconhecido a importância do espaço, em especial modo do espaço português, na representação poética de Eugénio de Andrade. Na verdade, se as configurações imagéticas da terra (tal como foi mostrado por Arnaldo Saraiva, 1995), de uma terra específica geograficamente situável entre o Alentejo e a Beira Baixa, remetem para um processo de recuperação mnemónica e afectiva que se liga com a restituição psicanalítica da mãe como presença pervasiva na escrita, os lugares líricamente habitados (do latim *Habeo*, etimologicamente “continuar a ter”) pelo poeta são os mais variados. De um Alentejo anti-barroco e essencial (“meu coração, alentejo de orvalho”<sup>4</sup>), desmitificado (tanto do folclorismo rural como da super-estrutura neo-realista<sup>5</sup>), mas ressemantizado poeticamente como uma elegia, escreve Eugénio em “Uma grande, imensa fidelidade”.

Falei da luz do Alentejo, mas não é ela que verdadeiramente me liga e religa a esta terra: é demasiado ácida, falta-lha uma doçura última, mediterrânea, que só encontraremos mais ao sul. O que me fascina aqui é uma conquista do espírito sem paralelo no resto do país, numa palavra: um estilo. O melhor do Alentejo é uma liberdade que escolheu a ordem, o equilíbrio. Estas formas puras, sóbrias de linha e cor, que vão da paisagem ao vestuário, do vestuário ao canto, são a expressão de um espírito terreno cioso de limpidez, capaz da suprema elegância de ser simples. Póvertà é, talvez, a palavra ajustada a esta estética, alheia ao excesso, ao desmedido, ao espectacular. Ao luxo prefere-se a pobreza: à anarquia o rigor; à paixão, um concentrado amor. O Alentejo é inimigo do barroco em nome da claridade. Muito cerrado (quase apetecia escrever: encarcerado) sem dúvida; mas dos seus limites tira o alentejano a sua força. O seu olhar na impossibilidade de ir mais longe, irá cada vez mais fundo, e o que lhe sai das mãos é o fruto duma paisagem enxuta, hirta, de uma magreza quase reduzida ao osso. Uma paisagem essencial, de que um homem pode orgulhar-se, quando lhe reflecte o rosto ou a alma<sup>6</sup>.

O Alentejo geopoético de Eugénio de Andrade é “agonia/ dos lentos inquietos/ amarelos,/ solidão do vermelho/ sufocado,/ por fim o negro,/ fundo espesso,/ como no Alentejo/ o branco obstinado”<sup>7</sup>. Tal como acontece com o Alentejo, não haverá também os Açores na versão poetizada de Nátalia Correia ou de José Agostinho Baptista ou uma Madeira geopoética? Existem várias Coimbras pelo menos no século XX: a cidade histórico-literária à maneira de Manuel Alegre, aquela disforicamente negativa parodiada por Almada Negreiros: “Coimbra universitária, /bem entendido! / Odeio-te /finges de cabeça/ e não és senão o lugar dela. [...] A única pessoa de interesse que conheci em Coimbra/ foi a dona de uma casa de mulheres/ todos os outros eram cultos/ admiravam os grandes vultos/ e

desconheciam os pequenos/ como se estes não fossem uma projecção dos grandes”. A Coimbra académica ou elegíaca (aquela pintada no “Madrigal Melancólico”<sup>8</sup>) à maneira de Eugénio de Andrade é a cidade dos estudos, é a juventude como sinónimo de excesso (parafrasando o título do Prefácio da antologia literária – ou geo-literária – sobre Coimbra, organizada com o nome de *Memórias de Alegria*, publicada na colecção da Inova que se intitulava significativamente “Viagens na nossa terra”<sup>9</sup>). Coimbra é a cidade provinciana por onde toda a gente passou (“Como toda a gente também eu passei por Coimbra”), a cidade universitária da década de 40 tão bem descrita no Prefácio (“Excessivo é Ser Jovem”): lugar geográfico que se torna convívio intelectual nos magníficos versos dedicados a Eduardo Lourenço “na flor da sua idade”, quando a cinza leve da experiência vivida se faz espaço real e lírico. Por fim, o espaço também é tempo. Em Eugénio, o verbo fez-se carne, a arquitectura transforma-se em lirismo, a urbanística da cidade dá lugar a uma ciência que já não se cartografa segundo os parâmetros da geometria, mas através dos cálculos do desencanto e da condenação de um tempo português regulado pelos relógios (do regime e da igreja).

Era bonita mas tão provinciana  
a cidade. Dos seus muros pasmados  
a luz fina caía preguiçosa  
nas areias do rio. Mas o resto  
era vulgaridade e sonolência.  
Só as árvores não eram vulgares:  
de tão formosas tornavam o céu  
de cristal, como se o verão fora  
imortal entre plátanos e choupos.  
Alí nos encontrámos certo dia,  
éramos jovens e mais jovem que nós  
era a poesia que nos acompanhava  
Hölderlin Keats Pessanha e o Pessoa.  
Eram então – e não serão ainda? –  
Os nossos amigos. O mais, gente ideias  
Costumes, tudo tinha o mesmo cheiro  
de caserna aliada a sacristia.  
Dessa cidade em nós nada ficou.  
De nós, que ficará nessa cidade?<sup>10</sup>

Precisamente neste prefácio, Eugénio de Andrade, consciente do facto de como a “paisagização” dos lugares tenha sido consumida no interior da modernidade ocidental (que seleccionou esteticamente o espaço mais belo e mais harmonioso para fazer dele paisagem, que é sempre um facto cultural), critica o excesso de poeticidade e de poético com o qual a cultura, ao cambiá-lo por poesia, redesenhou a cidade de Coimbra.

Uma paisagem assim é mesmo um perigo público – dizem-na poética, consagram-lhe sonetos. Ora a poesia é inimiga do poético. Os letrados que por aqui

passaram quase sempre se esqueceram disso; o resultado é o não houver outra cidade sobre a qual se tenham despejado tantos e tão maus versos. Debaixo de tal entulho, custa a descobrir qualquer coisa em que o espírito não tenha abandonado o corpo, e respire. Não espanta que por aqui a poesia tenha escolhido a prosa para a habitação<sup>11</sup>.

Institucionalizar a poeticidade de uma paisagem por excesso de representação – parece dizer Eugénio – não é senão reescrever como um palimpsesto uma mesma textualidade histórica, sob a qual é difícil detectar ainda a respiração da terra, da natureza, da vida.

E a cidade do Porto, quantas cidades de papel encerra em si mesma? É a cidade de “luz e granito” de José Gomes Ferreira, a cidade-rio de Albano Martins, de Gastão Cruz (“Cores indecifráveis, vermelhos espessos, obscurecidos./ Amparam cheiros fétidos, penumbras. E o rio resume tudo isto: mulheres lavam na água destruída: roupa, sabão e cascas de laranja; em torno a água grande, verde e íntima”), ou então, toda a cidade interior de Eugénio de Andrade

O Porto é só uma maneira de me refugiar na tarde, forrar-me de silêncio e procurar trazer à tona algumas palavras, sem outro fito que não seja o de opor ao corpo espesso destes muros a inserrução do olhar.

O Porto é só esta atenção empenhada em escutar os passos dos velhos, que a certas horas atravessam a rua para passarem os dias no café em frente, as lágrimas todas das crianças de S. Vítor correndo nos sulcos da sua melancolia.

O Porto é só a pequena praça onde há anos aprendo metodicamente a ser árvore, aproximando-me assim cada vez mais das restolhadas matinal dos pardais, esses velhacos que, por muito que se afestem, regressam sempre à minha vida.

Desentendido da cidade, olho na palma da mão os resíduos da juventude, e dessa paixão sem regra deixarei que uma pétala pouso aqui, por ser de cal<sup>12</sup>.

A poesia topográfica, sobretudo no que diz respeito aos lugares da sua vivência, torna-se, em Eugénio de Andrade, num verdadeiro processo de comunicação de mensagens territoriais que o autor veicula através da capacidade da sua linguagem de fixar significados “pensantes” nos lugares e nas paisagens. A cidade do Porto é, ao mesmo tempo, uma paisagem da terra e uma paisagem da mente, sempre difícil de decifrar e de separar com clareza. Para estudar a geopoética de Eugénio de Andrade, mas também de todo o séc. XX português, devemos recorrer à *topofilia*, tal como é conotada por Bachelard, como uma geografia poética apta a determinar o valor humano dos espaços que se possuem, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados (BACHELARD, 1989, p. 26).

Talvez “Escrever a terra” para Eugénio de Andrade não tenha sido mais do que “amar a terra”<sup>13</sup>. Escrever a terra não significou senão trans-



mitir na objectividade do facto geográfico a mais valia de sabedoria vivencial, de valores tradicionais do território que compõem o *genius loci*. Mas não só: escrever a terra foi sempre um exercício de enraizamento (“O Porto é só a pequena praça onde há anos aprendo metodicamente a ser árvore...”), de redescoberta das suas raízes culturais e das da sua comunidade. Não por acaso, a Eugénio de Andrade é devida toda uma constelação de antologias organizadas como arquivos das representações poéticas de um lugar, entendidas ao mesmo tempo como meras descrições poéticas das geografias e das urbanísticas e como transfigurações do seu conotado “sense of place”<sup>14</sup>. Os florilégios organizados por Eugénio de Andrade – *Cancioneirinho de Coimbra*, Porto, Asa, 2002 e *O Alentejo não tem sombra*, Porto, Asa, 2002 –, não são senão uma nova proposta de uma verdadeira paixão geo-literária do nosso autor, identificável desde o clássico *Daqui Houve nome Portugal. Antologia de verso e prosa sobre o Porto*, de 1968, e do já citado *Memórias de Alegria, antologia de verso e prosa sobre Coimbra*, de 1970, até à mais recente recolha intitulada *Alentejo*, 1993; 2ª ed. aumentada com desenhos de Armando Alves, Porto, Campo das Letras, 1997.

A cidade, literária por excelência, Lisboa, enquanto facto e ficção, mereceria um longo discurso (que aqui é impossível enfrentar), não só pela proliferação de imagens poéticas produzidas ao longo de todo o século passado, mas também pela insistência eugeniana de glosar os seus lugares, as estradas, as paisagens humanas ou urbanas, não só as tradicionalmente “literárias”, (confronte-se por exemplo os poemas “No cemitério da Lapa”, “Praça da Alegria”). Como magistralmente demonstrou José Cardoso Pires, a capital tornou-se hoje um símbolo equiparável à Praga de Kafka e à Dublin de Joyce. Se foi, sem dúvida, o séc. XX poético que muito contribuiu para a elevação de Lisboa a símbolo literário (sem esquecer que desde a poesia galego-portuguesa ela é um *topos*), tal aconteceu porque este século fez desta cidade não só um fundo, um cenário “onde debulhar as personagens de turno, mas sim a preponderante protagonista do narrado” (CIPRIANI, 2003, p. 11).

A *imaginatio locorum* de Lisboa flui e inspira a poesia eugeniana desde as primeiras recolhas, tal como acontece por exemplo em “Nocturno de Lisboa”, onde desaparecem todos os traços de “paisagização”, à excepção do título e do segundo verso (“cada homem procura um rio para dormir”), que trai a referência ao lugar comum geográfico mais tradicional da cidade: o rio Tejo. De resto, uma isotopia potomológica – clássica na lírica portuguesa – atravessa todo o séc. XX e na poesia de Eugénio declina-se ainda de acordo com os tons nostálgicos da vivência e da imagem da infância (em jeito de revisitação “débil” do Álvaro de Campos das duas “Lisbon Revisited”), como acontece em “Outra vez o Tejo”, ou mesmo da perda e do exílio através dos quais o rio do tempo presente se tornou lugar, também físico e corporal, do opressor e, portanto, cidade-lugar onde agrupar-se, já não por causa das colectivas aventuras marítimas, mas por abandonos calculados: “Que soldado tão triste esta chuva/ sobre as sílabas escuras do

outono/ sobre o Tejo as últimas barcas/ sobre as barcas uma luz de desterro.  
// Já foi lugar de amor o Tejo a boca/ as mãos foram já fogo de abelhas/ não  
era o corpo então dura e amarga/ pedra do frio. // Sobre o Tejo cai a luz das  
fardas/ É tempo de te dizer adeus”<sup>15</sup>.

Mesmo sem ter esgotado, nesta breve resenha, o horizonte geo-literário da poesia de Eugénio de Andrade, é inegável que esta tenha contribuído para a re-codificação, segundo uma nova linguagem, dos espaços da terra portuguesa, imprimindo a esta mesma “terra” os sinais, os avisos, os restos de uma “escrita” que se sedimenta, como um sulco, na tradição lírica nacional, reinventando simultaneamente, como um novo fruto, o século XX português. Por fim, o cartógrafo Eugénio assinala no seu pessoalíssimo mapa geopoético, territórios que aceitam desde logo ser não menos reais do que aqueles impressos nos mapas geográficos, pois o que resta da realidade espacial é apenas a ficção da imaginação poética.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÍNSA, Fernando. *Del topos al logos: propuestas de geopoética*. Madrid: Iberoamericana, 2006.

ANDRADE, Eugénio de. *Os Afluentes do Silêncio*. 3. ed. Porto: Editorial Inova, 1974.

\_\_\_\_\_. *Poesia*. 2. ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.

BACHELARD, Gaston. *La poetica dello spazio*. Trad. Ettore Catalano. Bari: Dedalo, 1989.

BACHTIN, Michail. *Estetica e Romanzo*. Trad. Clara Strada Janovič. Torino: Einaudi, 2001.

BELCHIOR, Maria de Lourdes. Poesia e Realidade. In: *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio*. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971, p. 47-59.

BRANDT, Joan. *Geopoetics. The Politics of Mimesis in Poststructuralist French Poetry and Theory*. Stanford CA: Stanford University Press, 1997.

CIPRIANI, Laura. *Lisbona. Città dell'inquietudine*. Milano: Edizioni Unicopli, 2003.

DE FANIS, Maria. *Geografie letterarie*. Roma: Meltemi, 2001.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mille Piani*. Capitalismo e Schizofrenia. Ed. Massimo Carboni. Roma: Castelvecchi, 2000.

GENETTE, Gérard. *Figures II*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

ITALIANO, Federico. Defining Geopoetics. In: *Trans* – n. 6. 2008, p. 1-9. Disponível em <http://trans.univ-paris3.fr>.

LANDO, Fabio. *Fatto e finzione: geografia e letteratura*, Milano: Etas-Libri, 1993.

MORETTI, Franco. *La letteratura vista da Lontano*. Torino: Einaudi, 2005.

NEMÉSIO, Vitorino. Arrabida (poesia e geografia). *Diário popular*, 13 Fevereiro de 1946.

SARAIVA, Arnaldo. *Introdução à poesia de Eugénio de Andrade*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.

SAID, Edward. Invention, Memory and Place. In: *Critical Inquiry*.v. 26, Winter, 2000.

SCHELLENBERGER-DIEDERICH, Erika. *Geopotik. Studien der Metaphorik des Gestein in der Lyrik von Hölderlin bis Celan*, Bielefeld, 2006.

SERRÃO, Joel. *Portugueses Somos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Mappe del Tempo*. Memoria collettiva e costruzione sociale del passato. Trad. R. Falcioni. Bologna: Il Mulino, 2005.

*Recebido para publicação em 20/04/12.*

*Aprovado em 15/06/2012.*

## NOTAS

1 “Il cronotopo nella letteratura ha un essenziale significato di genere. Si può dire senza ambagi che il genere letterario e le sue varietà sono determinati proprio dal cronotopo, con la precisazione che il principio guida del cronotopo è il tempo» (BACHTIN, 2001, p. 232).

2 Não é por acaso que o crítico italiano Franco Moretti cite dentro do cânone teórico dos melhores trabalhos sobre a relação entre literatura e espaço os nomes de Bachtin, de Dionisotti, de Raymond William e Henry Lafon (MORETTI, 2005, p. 49).

3 Cf. para a questão da paisagem na modernidade literária Luisa Bonasio, *Geofilosofia del paesaggio*. Milano: Mimesis, 1997.

4 “Poema X” in *Branco no Branco* (ANDRADE, 2005, p. 357)

5 “O Alentejo com os seus problemas sociais – a propriedade indivisa, as crises de trabalho e as fomes periódicas, a tensão entre as classes, o nascimento na população agrícola de um espírito proletário que outras províncias praticamente ainda ignoram, parecia dever oferecer aos escritores neo-realistas um campo excelente de investigação e laboração romanesca” in “Introdução” de *O Alentejo* por Urbano Tavares Rodrigues, Bertrand, Venda Nova-Amadora, 1958, p. 21.

6 “Uma grande imensa fidelidade” (ANDRADE, 2005, p. 64).

7 “Alentejo”, in *Escrita da terra*, (ANDRADE, 2005, p. 216)

8 “Raramente lá vou, mas sempre/ que passo na cidade, junto ao rio,/ é o jardim que procuro primeiro,/ onde o maigo colheu há tantos anos,/ para me dar, a flor da canforeira./ Coimbra é ainda essa flor,/ e na memória que bem que che ira”, in *Escrita da Terra*, p. 215.

9 “Excessivo É Ser Jovem” - Prefácio a *Memórias de Alegria, antologia de verso e prosa sobre Coimbra*, Editorial Inova, Porto, 1970.

10 «Ao Eduardo Lourenço na flor da sua idade», in *Homenagens e Outros Epitáfios*, pp. 244-245.

11 “Excessivo É Ser Jovem” (in ANDRADE, 2005, p.159).

12 “Porto” in *Vertentes do Olhar*, 2005, p. 411.

13 Tal como notou Joel Serrão no “rapsódico” ensaio sobre Eugénio com o título de “Cronos, Eros e Tanatos nas palavras do poeta”: “Verifiquemos, de passagem, o que esta sondagem, para já, revela: são as palavras *terra* e *amor* as que se apresentam mais geratrizes nas suas virtualidades de metamorfoses. *Terra, amor*: amor da terra, amor terrestre, amor na terra, amor para a terra...” (SERRÃO, 1975, p. 280).

14 O mercado editorial, no entretanto, tem proposto durante os últimos anos várias antologias geo-poéticas como, por exemplo, os volumes organizados por Adosinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho pela D. Quixote sobre respectivamente Lisboa, Porto e Coimbra. Contudo, já nas “clássicas” antologias Portugal. *A terra e o homem. Antologia de textos de escritores dos séculos XIX-XX*, (por Vitorino Nemésio, Lisboa, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 1978) e Portugal. *A terra e o homem. Antologia de textos de escritores dos séculos XX*, (por Maria Alzira Seixo e David Mourão-Ferreira, II volume – 3ª série, Lisboa, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 1981) era visível uma vontade de recuperar a relação entre espaço e a representação literária dos lugares (urbanos e não só) de um Portugal “somente europeu”.

15 “Sobre o Tejo” in *Véspera da Água* (ANDRADE, 2005, p. 200)